

Por um exame crítico do comparatismo francês

Michel Riaudel

Université de Poitiers - CRLA

Resumo

A ausência da literatura brasileira nos programas de literatura comparada dos concursos de seleção dos professores de Letras, na França, é o sinal que a disciplina gira principalmente em torno do tripé franco-anglo-germânico. Se uma maior abertura ao mundo é necessária, parece no entanto delicado estabelecer limites do que seria uma justa representação das literaturas estrangeiras. A questão remete, na verdade, à constituição do valor literário, evidenciando também o caráter algo distorcido dos estudos realizados em quadro estritamente nacional. É por isso, paradoxalmente, que reinscrever no seu campo de interesse a literatura brasileira, assim como outras áreas esquecidas, ensinaria aos comparatistas relativizar a base nacional dos estudos literários.

Palavras-chave: Recepção francesa; literatura brasileira; literatura comparada; transferência; história nacional.

Résumé

L'absence de la littérature brésilienne aux programmes de littérature comparée des concours de recrutement des enseignants de Lettres modernes est l'indice du resserrement de la discipline sur le trépied franco-anglo-germanique. Si une plus grande ouverture au monde est nécessaire, il est néanmoins délicat d'établir des seuils de justes représentations des littératures étrangères. La question renvoie en fait à la constitution de la valeur littéraire, et soulève aussi le caractère quelque peu biaisé d'études effectuées dans un cadre strictement national. C'est pourquoi, paradoxalement, que les comparatistes réinscrivent dans leur champ la littérature brésilienne et d'autres domaines oubliés pourrait apprendre à relativiser le socle national des études littéraires.

Mots-clés: Réception française ; littérature brésilienne ; littérature comparée ; transfert ; histoire nationale.

Abstract

The absence of Brazilian literature in comparative literature programs of selection contests teachers of Modern Languages in France, it's a clear sign that the discipline relates basically to the Franco-Anglo-German tripod. If a wider world mindset is necessary, is seems nevertheless delicate to refer to the constitution of literature value, highlighting also the somewhat distorted character of those studies accomplished in a strictly national context. Paradoxically, that explains that reinstating in their field of interest the Brazilian literature, as well as other forgotten areas, would teach the comparatists to relativize the national base of literature studies.

Keywords: French reception; Brazilian literature; comparative literature; transfer; national history.

Tradução de Guilherme S. Gomes Júnior
(revisão do autor)

Cartografia

Em 1994, segundo os dados do Sindicato Nacional da Edição, foram traduzidos 1347 títulos procedentes dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, 89 de língua alemã, 58 do espanhol, 14 do português¹. Ou seja, uma relação de 1 a 100 entre a intradução² anglo-saxã e a intradução de espaços lusófonos. Esse dado pode ser colocado em relação com a situação do ensino do português na escola secundária, que conheceu uma significativa progressão nos anos 1970³ e um refluxo progressivo duas décadas depois. Em uma interdependência compreensível, os estudos portugueses e brasileiros se encontram entre dois fogos: de um lado, um recuo do ensino especializado, corolário da raridade (ou da ausência) de postos para os concursos (CAPES, Agregação; de outro lado, uma demanda constante e crescente de formações complementares da parte dos “não especialistas”. Diversas universidades foram obrigadas a fechar suas licenciaturas em Línguas, Literaturas, Civilizações Estrangeiras e seus mestrados de especialização em literaturas de expressão lusófona, enquanto que os professores de português devem por vezes recusar as inscrições nas Unidades de Ensino de iniciação, livres ou menores, por falta de postos.

Uma parte do ensino superior Francês e algumas grandes escolas têm consciência dos desafios da cooperação com o Brasil ou com as antigas colônias africanas de Portugal, cujo desenvolvimento passa especialmente pelo recrutamento de especialistas dessas áreas geolinguísticas. A Universidade

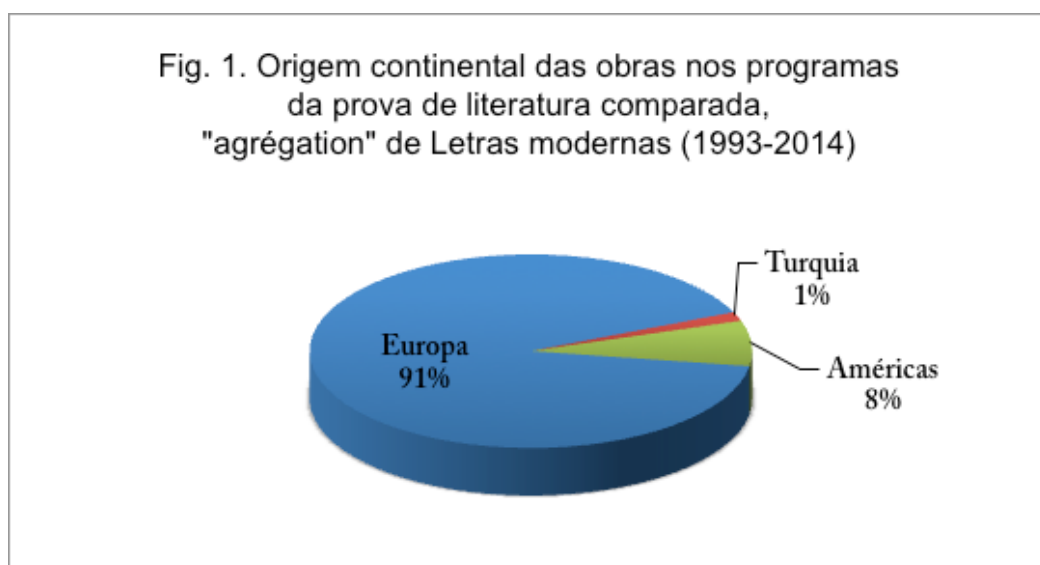
¹ Dados estabelecidos com base nas compras de direitos de tradução.

² Neologismo nos estudos de tradução, “intradução” representa a importação literária sob a forma de tradução; “extradução” a exportação sob a forma de tradução. Nota do tradutor.

³ Criação do CAPES [Certificado de Aptidão do Professorado do Ensino Secundário] de português em 1970, da Agregação em 1974 [Concurso de recrutamento de professores, no caso em questão, do ensino de segundo grau (n. t.)].

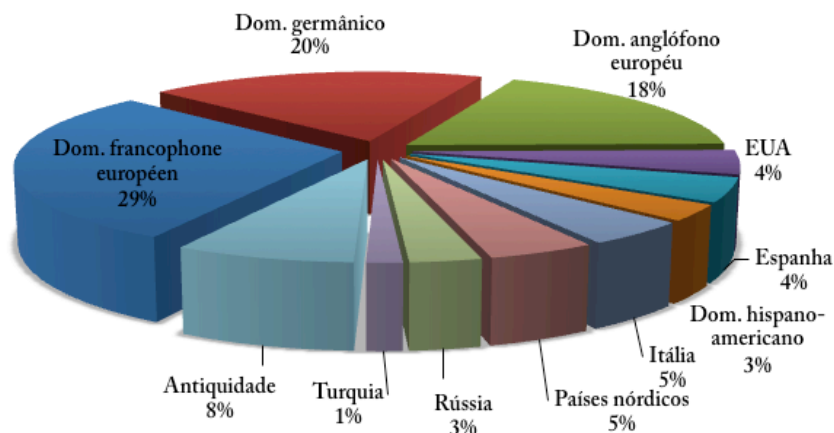
de Poitiers criou assim um “percurso internacional”, horário reforçado de aprendizagem da língua portuguesa, russa ou chinesa, e de suas culturas, proposto nos seis semestres de licenciatura aos estudantes de todas as áreas Mas, em uma atmosfera onde o oxigênio se esgota, se coloca a problema da renovação do viveiro de professores formados pela própria Universidade, de tradutores e de especialistas com capacidade de intervenção em diversos níveis⁴.

Qual o interesse do comparatismo francês pelo âmbito brasileiro? Quando se tenta esboçar um eletrocardiograma da disciplina por meio das obras integradas no programa da agregação em letras modernas nos últimos vinte anos, constata-se que nove entre dez obras são de origem europeia (fig. 1). Além disso, a Europa central e a Europa anglófona pesam separadamente, uma como a outra, mais do que suas margens do norte, do sul e do leste reunidas (fig. 2). Sempre sob o ângulo geopolítico, a soma dos autores americanos (anglófonos e hispanófonos) conta por volta de 8%. Um turco, Nazim Hikmet, vale por si só pelo Oriente, a Ásia. Nesse mapa mundi, dois continentes não existem.



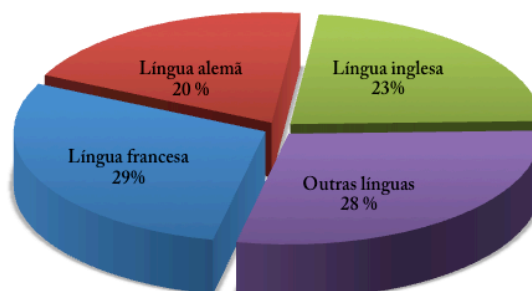
⁴ Conforme relatório de Olinda Kleiman (2013, 39), 20% dos professores do secundário eram contratuais ou substitutos em 2011.

Fig. 2. Origem regional das obras nos programas da prova de literatura comparada, "agrégation" de Letras modernas (1993-2014)



Do ponto de vista linguístico, ao lado do domínio francófono que representa perto de 30% dos autores, o conjunto anglófono, todos os continentes confundidos, supera ligeiramente o bloco germânico, cada um deles representados em cerca de um quinto dos programas. Mas a relação se inverte caso se considere apenas o conjunto britânico, excetuando os Estados Unidos, o que demonstra a super representação alemã (fig. 3 e 4). De outro lado, a diversidade do repertório germânico é bem superior àquela do corpus britânico, que apresenta seis repetições do nome de Shakespeare. Seja o que for, três línguas dividem entre si perto de $\frac{3}{4}$ das obras dos programas (fig. 4), nos quais se observa a completa ausência lusófona. Se não nos falha a memória, um autor brasileiro foi inscrito uma vez, há longo tempo.

Fig. 4. Língua das obras inscritas nos programas da prova de literatura comparada, "agrégation" de Letras modernas (1993-2014)



Este é o filtro por meio do qual se reproduzem as forças vivas da literatura comparada francesa. Se seu humos linguístico ou geopolítico de todos os dias não se reduz certamente a essa paisagem estreita, longe disso, o panorama derivado dos programas de concursos permite inferir uma produção científica de circunstância, que reforça suas áreas de especialização (corpus e línguas). Os programas de concursos ilustram um sistema, com mecanismos endogâmicos perversos, pelo qual uma disciplina se reproduz acentuando implacavelmente os mesmos tropismos. Concebe-se que uma corporação, cujo centro de gravidade se situa entre o francês, o alemão e o inglês, estará inclinada a inscrever nos programas de concurso obras que sejam por ela conhecidas, sobre as quais já existe uma bibliografia que ela saberá enriquecer e que servirá de crivo para selecionar a próxima geração. Esse eurocentrismo do comparatismo francês “oficial” faz com que ele não possa pretender ocupar a esse respeito nem a posição mediana entre o norte e o midi, reivindicada Edgard Quinet, nem (ainda menos) um lugar universal.

Outros contextos

A recepção brasileira na França, não mais do que a da Europa do Sul, nem sempre teve a característica de raridade que exemplifica, de outro ponto de vista, o destino dos trabalhos pioneiros de Pierre Rivas (1995, 2005) sobre o triângulo literário entre França, Brasil e Portugal: eles chamaram a atenção apenas dos brasileiros, que os reuniram, traduziram e publicaram⁵.

Sem remontar à época de Ferdinand Denis, autor da primeira

⁵ Nota-se, nessa mesma lógica, que o primeiro volume da *Histoire des traductions en langue française. Dix-neuvième siècle (1815-1914)*, apesar de sua real importância e a despeito de seu caráter exaustivo, ignora pura e simplesmente as traduções do âmbito brasileiro (notadamente Eugène de Monglave), tanto quanto o papel pioneiro de Ferdinand Denis (Y. Chevrel et alii, 2012).

história literária do Brasil (1826), quando a nação tinha ao todo quatro anos de existência, cabe lembrar, no entanto, que as literaturas ibero-americanas foram tratadas com algum interesse durante mais de um século. Em 1846 foi criada no Collège de France a cadeira de Línguas e Literaturas da Europa Meridional, assumida por Edgard Quinet. A ele sucederam Alfred Morel-Fatio e depois o comparatista Paul Hazard (1925-1944), cuja entronização foi acompanhada de uma mudança de definição: cadeira de História das Literaturas Comparadas da Europa Meridional e da América Latina. É graças a ele, como observaram Daniel-Henri Pageaux (2003, 93) e Tânia Carvalhal (2005, 399), que a *Revue de littérature comparée* abriu-se ao Brasil seis anos depois de sua fundação, com o artigo intitulado “De l’Ancien au Nouveau Monde : les origines du romantisme au Brésil” (P. Hazard, 1927). Afora o dossiê sobre a América Latina de 1931 e outro tratando exclusivamente do Brasil, em 2005⁶, oportunamente publicado no “Ano do Brasil na França”, no momento em que a presidência da Association Internationale de Littérature Comparée foi ocupada por uma brasileira, dois anos antes da realização do congresso da AILC no Rio de Janeiro. Mesmo assim, a presença luso-americana na *RLC* permaneceu e ainda hoje é por demais accidental. A abertura, estimulada pelo interesse latino americano que se intensifica depois da segunda Guerra Mundial⁷, implicou um relançamento apenas parcial, na ocasião de celebrações ou de circunstâncias efêmeras.

No âmbito editorial, podem ser observadas épocas mais auspiciosas. Os “brasilianistas” franceses anteriores a 1945, “[...] formados ao acaso (atividade comercial, por exemplo, no

⁶ Cabe lembrar que a maior parte das contribuições provém do âmbito sul-americano, o que confirma a pobreza do viveiro francês.

⁷ Nesse contexto, em 4 de dezembro de 1945, Marcel Bataillon foi nomeado para a nova cadeira de Línguas e Literaturas da Península Ibérica e da América Latina no Collège de France.

caso de Duriau) e numa estética tradicional, eles não eram muito sensíveis à modernidade, preocupados com um Brasil mais pitoresco que vanguardista, mais regional, e até mesmo regionalista, que cosmopolita, mais próximo do conte etnográfico do que da poesia modernista” (P. Rivas, 2005, 90). Mas, o vento do terceiro-mundismo e do cosmopolitismo que soprou entre 1945 e os anos 1970, nos valeram numerosas traduções, inclusive de poesia. A coleção Seghers acolheu a Geração de 1945, reservando a ela uma parte proporcionalmente mais expressiva que aquela dedicada aos modernistas: se destacam os nomes de Vinícius de Moraes (1953, 1960), Murilo Mendes (1956), Manuel Bandeira (1960, 1965), Cecília Meireles (1967)⁸, enquanto Geraldo Melo Mourão era editado pela Gallimard (1966), e Carlos Drummond de Andrade na coleção bilíngue da Aubier (1973). O mesmo público pode simultaneamente descobrir as primeiras traduções de Clarice Lispector (1954) e de João Guimarães Rosa (1961)⁹. A nova especialização, representada na coleção de literatura brasileira das edições Métailié, é contemporânea da antologia consagrada a Oswald de Andrade (1982) ou da tradução de *Macunaíma* de Mário de Andrade (1979, 1996); ela encontra sua tradução diplomático-cultural com a operação “*Belles étrangères*” de 1987, que reuniu em Paris uma trintena de escritores brasileiros.

Depois do “resgate” fecundo operado no curso dos anos 1980-1990, as traduções francesas da literatura brasileira tornam-se novamente esparsas e caracterizadas pela falta de singularidade e de visibilidade. Pode-se sugerir que hoje há alteração no contexto, que o bloco latino-americano não é

⁸ Essas edições estão na sua quase totalidade esgotadas.

⁹ Original : João Guimarães Rosa, « Dão-lalalão », « O recado do morro », « Uma estória de amor », in *Corpo de baile*, 1956. Cabe conferir nesse âmbito a tese de doutorado de Márcia Valéria Martinez de Aguiar, 2010.

mais tão importante quanto foi nos anos 1960-1970, quando sobressaiam as lutas de descolonização em Cuba e a eclosão de movimentos pós-guevaristas ou quando era mobilizada a opinião pública contra a disseminação de regimes ditatoriais particularmente sanguinários, que deram uma dimensão Norte-Sul ao conflito Leste-Oeste. Mas essa observação subentende que a audiência literária teria sido antes de tudo mobilizada por fatores e relações geopolíticos e que o trabalho crítico foi mobilizado menos no sentido de pensar e revisar representações do que “reflexo” de convenções estabelecidas e conjunturas históricas. Hipóteses que, se forem confirmadas, fazem do comparatismo um intermediário de conformidades políticas ou um lugar da reprodução do mesmo.

Focais

A essa perplexidade gostaríamos de agregar três níveis de considerações problemáticas sobre a avaliação da recepção nacional: quais são as medidas cabíveis? Quando podemos falar de sub-representação de uma literatura nacional? O quadro nacional será o mais apropriado para a avaliação da recepção?

É necessário insistir sobre o valor relativo das estatísticas. Um número de intraduzções faz sentido apenas se reportado a cifras globais, na comparação com outros dados nacionais ou regionais, assim como aos mesmos dados estabelecidos para períodos diferentes. Dessa forma, a progressão das traduções da literatura brasileira, incontestável em valor absoluto no curso do século XX (uma por ano no início do século, uma média de 25 títulos anuais no último decênio), pode ser interpretada apenas em sua relação com o volume de todas as traduções no âmbito do mercado francês; publica-se muito mais do que em 1900, e

os editores são encorajados a traduzir pela oferta de subvenções e pelo mecanismo do “Office”¹⁰

De outro lado, a classificação proposta por Gisèle Sapiro (2008), distinguindo a situação hipercentral de uma língua, contra aquelas centrais, semiperiféricas ou periféricas, é muito útil, mas introduz distorções enganadoras: ao focalizar as dominações, ela opera em sentido único, quando seria, no entanto, útil pensar em termos de “polissistemas” que se encaixam ou se sobrepõem. Classificar, por exemplo, o chinês nas línguas “periféricas” faz sentido em escala mundial, mas mascara a percepção da hegemonia que pode exercer regionalmente. Se o espanhol é uma língua semiperiférica e o português uma língua periférica em vista das taxas de intraduzções planetárias, eles são ambos, no entanto, a chave da América Latina. Sem eles, a metade de um continente (ao menos) desaparece da superfície do globo, tal como nova Atlântida engolfada por efeitos de escala.

A sistematização das interpretações tosquia a realidade, alisa e termina por construir outra: muitos creem que o inglês é uma espécie de passaporte quando ele abre apenas uma fina camada superficial dos mundos, sempre em um registro de noções muito restrito. Essa concepção instrumental da comunicação raciocina sobre uma faixa passante de intercompreensão reduzida: o *globish* não ajuda na leitura de poetas metafísicos ou de Faulkner. Além disso, o outro lado da hipercentralidade do inglês é que ele é pouco eficaz nos estudos muito especializados de domínios estrangeiros: a bibliografia anglófona sobre a literatura brasileira existe, mas não abre todas as portas. De outro lado, não conhecer o português implica em não ter o acesso à literatura de Portugal, do Brasil, de Angola, de Moçambique,

¹⁰ Esse sistema de pré-venda virtual de livros oferecidos em livrarias assegura uma entrada artificial de receita aos editores, que se beneficiam, por ser rapidamente compensada por outra série de títulos.

etc., como também não conhecer o dinamarquês interdita o estudo da literatura dinamarquesa, mesmo que o inglês permita sobreviver nessa parte do mundo.

A abordagem quantitativa da recepção encontra, ademais, outro problema de interpretação, que uma questão tão incongruente como de bom senso ajudará a perceber: já que falamos aqui ou ali de sub ou de super-representação da literatura nacional, qual será sua “justa” representação? Deve ser ela proporcional ao PIB na produção mundial? Ao peso demográfico? À superfície do território? À densidade populacional? À influência geopolítica? Ao lugar nas instituições internacionais? Se esses critérios podem parecer insólitos no quadro de um estudo literário, eles têm por base a evidência de que não se pode (ou não se deve) esperar o mesmo volume de intraduzções, provenientes de um país de pouco mais do que sessenta milhões de habitantes, daquele vindo de uma nação que ultrapasse o bilhão de residentes. Mais ainda, esses critérios tornam explícito que os arrazoados sobre circulações literárias *equilibradas* têm motivações mais de ordem política, social, identitária ou estratégica, do que propriamente estéticas. A ideia de déficit faz sentido apenas quando reportada a uma situação de equilíbrio, de determinação impossível, na medida em que implica também o imaginário, a percepção individual, o ponto de vista, a tomada de posição. Não existe situação “normal”, da mesma forma que não existe instrumento ideal para estabelecer o nível aceitável da recepção, mas somente meios aproximativos. Nesse domínio, predomina a distorção e a assimetria – que não é redutível a uma situação de dominação, a jogos de poder... Digamos que, apesar de tudo, há assimetrias mais fecundas que outras, assim como há atitudes críticas em face dessas distorções mais fecundas do que outras. É em razão disso que à uniformidade preferimos a diversidade.

Seja o que for, é necessário renunciar à hipótese de uma correlação mecânica entre quantidade e qualidade. Nem o número de traduções de uma obra, nem suas cifras de venda, são garantias de valor literário, o que obriga a distinguir o sucesso conjuntural e o sucesso de longa duração. Existe, contudo, entre eles uma relativa e complexa imbricação, que desmente a crença de que um “grande” livro sempre encontrará um dia o seu público. Só se pode falar daquilo que é pelo menos um mínimo conhecido. No mundo das letras todas as obras nascem livres e iguais em direito, mas na prática algumas possuem chances de reconhecimento mais iguais do que outras. Se consideramos, de um lado, que a obra literária é destinada por sua própria natureza a “circular” (Riaudel, 2014); e, de outro, que o valor dessa obra pode ser medido com precisão por sua irradiação, por sua capacidade de provocar a leitura e a reapropriação, e até a capacidade de modificar nossa visão de mundo; então calculamos que esse valor de uso ou de troca é mais ou menos consideravelmente travado (ou facilitado), também no plano estético, em função da rede de circulação na qual se insere.

A leitura de um livro não depende exclusivamente do gênio do autor e de sua contrapartida: a boa vontade do comprador. Sua história é feita de um misto de acasos, de condições sociais e inclinações individuais capazes de disparar um “efeito de transferência”. De maneira que ela é, entre outros fatores, *subjetivamente*¹¹ sobredeterminada por múltiplos agentes da circulação. Desse ponto de vista, é isso que torna necessária a reversão da dicotomia entre o político e o estético, a partir

¹¹ Subjetivamente e não objetivamente, na medida em que, em um paradoxo apenas aparente, o elemento econômico (âmbito, por exemplo, de ação dos programas de incentivo à tradução) tem além de tudo uma motivação subjetiva, que condiciona a solicitação de recursos públicos. A vantagem financeira do subsídio só será acionada se o editor considera que o livro recebendo o apoio tem chance de sucesso. Aqui, como em outros âmbitos, a *crença* tem um papel essencial.

da qual conduzimos até então a reflexão; e havemos de afirmar que a promoção da literatura brasileira passará entre outros elementos pela ação pública, que ela derivará da vontade política exercida tanto no nível governamental como naquele das mediações culturais, das instâncias universitárias ou das sociedades científicas. Para alargar essa tese, podemos reformulá-la parafraseando a célebre 17^a meditação de John Donne:

[nenhuma obra] é uma ilha, completa em si mesma; [cada uma] é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica menor, como se tivesse perdido um promontório, ou perdido o solar de um teu amigo, ou o teu próprio. (tradução Paulo Vizioli, in Paulo Vizioli, 1986)

Privar-se do corpus brasileiro é tornar o domínio da literatura menor. Na verdade, em outra interpretação, essa paráfrase sugere simultaneamente a inadequação do quadro nacional para pensar a literatura e a impossibilidade de sair dele. Falar de literatura nacional é, com efeito, predeterminar as obras em razão de uma incompletude – nela, a nação aparece como uma totalidade superior àquela das obras tomadas individualmente – e a partir de uma entidade histórica com a qual as obras nem sempre estão em coincidência. A Grécia da *Odisséia* não se sobrepõe à nação contemporânea que tem Atenas por capital; o “Brasil” de Gregório de Mattos não pode ser confundido com o país independente depois de 1822. Antônio Vieira pertence à história literária brasileira, portuguesa, luso-brasileira? Onde situar os mitos ameríndios? A produção dos viajantes? Do ponto de vista “brasileiro”, Jean de Léry não seria tão estrangeiro quanto Pero Vaz de Caminha? Percebe-se que se misturam os critérios políticos, jurídicos, linguísticos na determinação nacional de

uma obra, assim como se entrelaçam as categorias históricas (no entanto, inconfundíveis) de “poesia” e de “literatura” na constituição do cânone. Desse quadro nacional, muitas vezes efeito de uma retro-jeção anacrônica, alimentada por uma teleologia particularmente ativa nos estudos de literatura colonial, nos quais se confunde sentimento “nativista” com a reivindicação de pertencimento referida à realidade do Estado-Nacional, resultam numerosas investigações críticas com o objetivo de identificar tal ou qual traço identitário em obras de fato estrangeiras ao projeto de nação que se lhes atribui. O quadro nacional dos estudos literários conforma um horizonte de expectativa que aprisiona e submete as conclusões críticas, no qual os escritos devem estar contidos, sejam eles de Clarice Lispector ou de João Guimarães Rosa, pressupondo haver entre eles um continuum e uma conivência que talvez não seja maior do que aquele que os articula a Goethe ou Mansfield.

Entretanto, àqueles que consideram, com bons ou maus argumentos, que a dimensão nacional é velha e regressiva, fossilizada nos séculos XIX e XX, no curso dos quais sua invocação produziu as calamidades que conhecemos, ou que ela seja ultrapassada, laminada pela mundialização, responderemos que sua denegação pretende transformar o enraizamento em fato indiferente, transparente, no mesmo momento em que, na prática, ela o supervaloriza, como mostram empiricamente os gráficos precedentes. Na verdade, a Nação é hoje mais do que nunca uma dimensão central de nosso planeta mundializado, na medida em que a mundialização (como outrora a colonização) resulta da existência de Estados: à sua maneira, ela necessita de fronteiras e de particularismos que são mantidos e alimentados, ao mesmo tempo em que parece ou finge ultrapassá-los¹².

¹² No plano econômico, a dita mundialização sabe muito bem explorar as diferenças fiscais, de remuneração ou de direito trabalhista entre os países. Como faria

No fim das contas, pode-se perguntar por que é preciso ler a literatura brasileira, entre todos os particularismos possíveis. Para além das obras primas, que não podem ser enumeradas aqui, nos limitamos a uma resposta em dois tempos, cada um comportando sua forma de reversão. Em princípio, precisamente, não porque seja mais digna de ser estudada do que outra – assim como não pode ser considerada menos digna do que outra. Em suma, o interesse é necessário não em termos de comparativos de superioridade ou inferioridade, mas em nome da comparação, razão de ser da disciplina, a literatura comparada, cuja virtude, entre outras, é promover uma espécie de descentramento do eu. Comparar é ultrapassar o solipcismo, tanto para compreender o outro, como para a compreensão de si pelo desvio pelo outro. E se a literatura comparada se declara igualmente geral, se ela se ocupa de questões que transcendem a dimensão nacional, ela não pode fazê-lo sem levar em conta a matéria empírica das línguas e das culturas. Não alcançaremos a literatura comparada arco-íris abstraindo as cores. O comparatismo francês sofre de um viés francês, a bipolarização própria dos termos “universal/comunitário”, felizmente desconstruída em reflexões como a de Jacques Derrida (especialmente 1996), ou as proposições sobre a noção de *comum* do sinólogo François Jullien (2008). À sua maneira, a literatura brasileira os desenvolve ou os ilustra.

Aqui, ademais, se encontra o segundo motivo para a defesa do estudo das circulações franco-brasileiras no âmbito do comparatismo francês: como uma espécie de desafio contraditório, elas fornecem um dos melhores antídotos ao

ela sem a Suíça, Luxemburgo, a China ou a Índia? Desse ponto de vista, ela poderia ser considerada apenas um avatar da lógica colonialista, que tomava o controle de territórios e de povos em nome da universalidade religiosa, científica ou republicana, enquanto promovia a fragmentação em zonas de primeira ou segunda cidadania. Uma das sutis variações com o mundo do passado resulta talvez do descentramento dos lugares de poder e de decisão, que hoje não podem ser identificados pura e simplesmente com os Estados.

quadro nacional dos estudos literários. Elas são em princípio uma escola de malentendidos: as incompreensões e quiproquós – entre Blaise Cendrars e Oswald de Andrade; Benjamin Péret e os modernistas... – pontuam sua história, mais do que os felizes encontros, e revelam as infortunas bem sucedidas da “transferência”. Essa desmistificação do “diálogo entre culturas”, tal como idealizado por ingenuidade ou cálculo diplomático, longe de concluir por sua inexistência, nos ensina que o diálogo não é o que cremos ou pretendemos crer. A segunda lição, espécie de irradiação da primeira, conduz a repensar a relação do *um* ao *outro*: da fusão à dissociação, do engano à falsa semelhança, passando pela resistência e pelo contraponto... É toda a questão da relação colonial – como da independência, da alienação e dos modelos – que se reencontra inscrita nos estudos sobre o barroco, na ilusória continuidade de romantismos transatlânticos, na provocação da antropofagia, cuja fórmula matemática poderia ser $2 = 1 = 3$. Nada de mais eficaz do que esses territórios, tomados a sério, para deixar de lado a perspectiva organicista ou biológica da história literária. Sem contar que um tour pelo Brasil teria o efeito de minimizar em muitos o sentimento de superioridade diante de seus pretendidos discípulos. Enfim, terceiro ensinamento possível, entre muitos outros: integrar o repertório brasileiro conduz a relativizar as certezas nacionais ao questionar o fundamento mesmo de seus limites: direito do solo? direito do sangue? sistema? Esses debates, que atravessam a crítica brasileira, não devem ser aplicados enquanto tais às reflexões francesas, mas valem por sua inspiração problemática. Dessa forma, a excursão pelo Brasil pode talvez agir no sentido de esvaziar a autosuficiência europeia: revelar aquilo que nos falta.

Bibliografia

AGUIAR, Márcia Valéria Martinez de, “Traduzir é muito perigoso: as duas versões francesas de *Grande sertão: veredas* – historicidade e ritmo”, São Paulo: Estudos linguísticos, literários e tradutológicos em francês, Departamento de Letras Modernas, USP-FFLCH, 2010; sob a orientação de Mário Laranjeira.

ANDRADE, Carlos Drummond de, *Réunion/Reunião*, éd. bilingue, trad. Jean-Michel Massa, Paris : Aubier-Montaigne, 1973.

ANDRADE, Mário de, *Macounaïma le héros sans aucun caractère*, trad. Jacques Thiériot, Paris : Stock – Unesco – Allca XX, 1996 [1^{re} éd. : Paris : Flammarion, 1979].

ANDRADE, Oswald de, *Anthropophagies. Mémoires sentimentaux de Janot Miramar, Séraphin Grand-Pont ; Manifeste de la Poésie Bois Brésil ; Manifestes et textes anthropophages*, trad. Jacques Thiériot, Paris : Flammarion, 1982.

BANDEIRA, Manuel, *Poèmes*, trad. Manuel Bandeira, Aníbal Falcão, F. H. Blank-Simon, Paris : Seghers, 1960 (seleção feita pelo autor).

Manuel Bandeira, estudo, escolha e bibliografia de Michel Simon, Paris : Seghers, 1965.

CARVALHAL, Tânia, « Le Brésil dans la RLC », in *Revue de littérature comparée*, Paris : Klincksieck, n° 316, 2005/4.

CHEVREL, Yves, d’HULST, Lieven e LOMBEZ, Christine (dir.), *Histoire des traductions en langue française. Dix-neuvième siècle (1815-1914)*, Paris: Verdier, 2012.

DENIS, Ferdinand, *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal [suivi du] Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, Paris : Lecointe et Durey Libraires, 1826.

DERRIDA, Jacques. *Le monolinguisme de l’autre ou la prothèse d’origine*, Paris : Galilée, coleção « Incises », 1996.

DONNE, John, *Meditações*, edição bilingue Fábio Cyrino, Paris,

Landmark, 2002.

HAZARD, Paul, “De l’Ancien au Nouveau Monde : les origines du romantisme au Brésil”, in *Revue de littérature comparée*, Paris, 1927, p. 111-128.

JULLIEN, François, *De l’universel, de l’uniforme, du commun et du dialogue entre les cultures*, Paris : Fayard, 2008 (reeditada em Points-Seuil).

KLEIMAN, Olinda, “Situação atual do ensino do português na universidade francesa”. In: Christian Lagarde e Philippe Rabaté (orgs.). *HispanismeS*, n. 2 : « Transversalité et visibilité disciplinaires : les nouveaux défis de l’hispanisme », juin 2013 (<http://www.hispanistes.org/images/PDF/HispanismeS%20n2%20Olinda%20Kleiman.pdf>, última consulta em 12/09/2013).

LISPECTOR, Clarice, *Près du cœur sauvage*, trad. Denise Teresa Moutonnier, Paris : Plon, 1954.

MEIRELES, Cecília, *Poésies*, trad. Gisèle Slesinger Tygel, Paris : Seghers, 1967.

MENDES, Murilo, *Office humain*, trad. Dominique Braya & Saudade Cortesão [a esposa do poeta], Seghers, 1956.

MORAES, Vinícius de, *Cinq élégies*, trad. Jean-Georges Rueff, Paris Seghers, 1953.

MORAES, Vinícius de, *Recette de femme et autres poèmes*, trad. Jean-Georges Rueff, Paris : Seghers, 1960.

MOURÃO, Geraldo Melo, *Le valet de pique*, trad. Wanda Pénicaut et Violante do Canto, Paris : Gallimard, 1966.

PAGEAUX, Daniel-Henri, *Trente Essais de Littérature Générale et Comparée ou la corne d’Amalthée*, Paris : L’Harmattan, 2003.

RIAUDEL, Michel, « Réflexions sur l’étude des transferts littéraires », in Anaïs Fléchet et Marie-Françoise Lévy (dir.), Actes du colloque « Les circulations littéraires et musicales au XX^e siècle », (14 et 15 mars 2013, Université Paris 1– UMR-IRICE –

Université de Versailles Saint Quentin en Yvelines). No prelo.

RIVAS, Pierre, *Encontro entre literaturas. França-Brasil-Portugal*, trad. coordenada por Durval Ártico e Maria Leticia Guedes Alcoforado, São Paulo : Hucitec, 1995.

RIVAS, Pierre, *Diálogos interculturais*, São Paulo : Hucitec, 2005.

ROSA, João Guimarães, *Buriti*, trad. Jean-Jacques Villard, Paris : Seuil, 1961 [original : João Guimarães Rosa, « Dão-lalalão », « O recado do morro », « Uma estória de amor », in *Corpo de baile*, 1956].

SAPIRO, Gisèle (dir.), *Translatio. Le marché de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*, Paris : CNRS Éditions, 2008.

VIZIOLI, Paulo, *John Donne - O Poeta do Amor e da Morte*, São Paulo: J.C. Ismael Editor, 1986.